

RAFAEL CHIRBES

NA MARGEM

*tradução*

RUI PIRES CABRAL

ASSÍRIO & ALVIM

O primeiro a ver o cadáver é Ahmed Ouallahi.

Desde que Esteban fechou a carpintaria, há mais de um mês, Ahmed passeia todas as manhãs por La Marina. O seu amigo Rachid leva-o de carro até ao restaurante onde trabalha como ajudante de cozinha, e Ahmed prossegue a pé desde aí até ao recanto do pântano onde finca a cana de pesca e lança a rede. Gosta de pescar no pântano, longe dos mirones e dos polícias. Quando a cozinha do restaurante fecha — às três e meia da tarde —, Rachid vai ter com ele. Estendem uma toalha sobre a erva e almoçam, sentados no chão à sombra das canas. São amigos, mas também se prestam um serviço mútuo. Pagam a meias a gasolina do velho Ford Mondeo de Rachid, uma pechincha que conseguiu por menos de mil euros e que acabou por se revelar um péssimo negócio, já que, segundo Rachid, traga gasolina com a avidez de um alemão a beber cerveja. Entre Misent e o restaurante distam quinze quilómetros, de modo que, somando ida e volta, o carro bebe três litros por dia. A quase um euro e trinta o litro, são quatro euros diários só em combustível, cento e vinte ao mês, a descontar de um salário que mal chega aos mil. Tal é a estimativa que Rachid apresenta a Ahmed (decerto exagera um pouco), pelo que Ahmed entrega ao amigo dez euros semanais pelo transporte. Se conseguisse arranjar trabalho, tiraria a carta de condução e compraria o seu próprio carro. Com a crise, não é difícil encontrar carros e carrinhas em segunda mão a preços irrisórios,

tendo em conta o rendimento que depois podem proporcionar: carros dos quais os antigos donos tiveram de se desfazer antes que o banco lhos levasse, carrinhas de empresas falidas, autocaravanas, camionetas: é um tempo de oportunidades para quem pode investir, comprando em saldo. Mas, por vezes, essas pechinchas revelam-se um presente envenenado. Consumo desmedido de combustível, peças a substituir pouco depois da compra, acessórios que se estragam ao primeiro toque. O barato sai caro, resmunga Rachid, pisando o acelerador. Só nisto já gastámos meio litro. Volta a acelerar. Outro meio litro. Riem-se ambos. A crise impera em toda a parte. Não são apenas os mais pobres que sofrem. Também as empresas estão falidas ou em vias de falir. O irmão de Rachid trabalhava num armazém de materiais que dispunha de sete camiões e outros tantos motoristas. Isto há quatro anos. Entretanto, despediram-nos a todos e os camiões estão parados no parque asfaltado das traseiras do armazém. Quando têm um transporte a fazer, contratam um motorista independente, que realiza o serviço no seu próprio camião e cobra pouco, à hora e ao quilómetro, e que depois volta a ficar colado ao telemóvel, ocioso, até ao encargo seguinte. Ahmed e Rachid debatem as possibilidades de negócio que teriam se comprassem carros usados e os revendessem em Marrocos.

O restaurante onde Rachid trabalha fica no extremo da avenida de La Marina, que na verdade é uma estrada paralela à costa que une as traseiras da primeira linha de apartamentos ao primeiro canal de desaguoamento do pântano, correndo entre as urbanizações de Misent ao longo de uma vintena de quilómetros. Ahmed caminha cerca de um quilómetro pela berma da estrada até alcançar o local onde pesca. Leva a cana ao ombro, a rede atada à cintura sob a jaqueta do fato de treino e um cesto atado às costas com um par de

correias, à laia de mochila. Três anos antes não faltavam obras naquele troço de La Marina. Em ambos os lados da estrada sucediam-se os montes de entulho e os edifícios em diferentes fases de construção: terrenos onde começava a concentrar-se a maquinaria, e outros onde as retroescavadoras esburacavam uma terra barrenta e avermelhada, ou onde as betoneiras começavam a encher os alicerces. Pilares dos quais despontavam hastes de ferro, barrotes e redes metálicas, paletes de tijolos, montículos de areia, sacos de argamassa. Viam-se grupos de trolhas por toda a parte. Alguns edifícios, já terminados, estavam rodeados de andaimes onde formigavam os pintores, enquanto outros homens removiam os montes de terra das imediações, tratavam dos jardins, plantavam árvores — velhas oliveiras, palmeiras, pinheiros, alfarrobeiras — e essas espécies arbustivas que os guias turísticos identificam como características da flora ornamental mediterrânica: oleandros, jasmims, damas-da-noite, cravos, roseiras e ervas aromáticas: tomilho, orégão, alecrim, salva. A rede viária da zona suportava um trânsito incessante de camiões que transportavam palmeiras, frondosas alfarrobeiras ou oliveiras centenárias que mal cabiam nos seus enormes vasos. O ar enchia-se com o ruído metálico dos veículos carregados de materiais de construção, dos contentores para a recolha dos escombros, dos camiões grua ou com atrelados para transporte de retroescavadoras e betoneiras. O conjunto transmitia a impressão de uma ativa colmeia.

Hoje, nesta manhã soalheira, tudo parece tranquilo e solitário, nem uma só grua rompe a linha do horizonte, nenhum rangido metálico atravessa o ar, nenhum zunido, nenhum matraquear eléctrico agride o ouvido. No primeiro dia em que foram juntos de carro, depois de Ahmed ter perdido o emprego, Rachid riu-se quando o amigo lhe disse que tencionava procurar trabalho nas

obras de La Marina. Trabalho? Desde que não seja coveiro de suicidas, gracejou Rachid. *Ma keinch al jadima. Oualó.* Não há trabalho, nada, nadinha. Nem uma só obra em curso em La Marina, nem mesmo meia obra. No tempo das vacas gordas, muitos homens cobravam o salário semanal e não voltavam a apresentar-se ao serviço, pois arranjavam sem dificuldade outros trabalhos mais bem pagos. Agora as varandas dos edifícios estão cheias de cartazes com mensagens dissuasivas. Aqueles que procuram trabalho tornaram-se indesejáveis. EQUIPA COMPLETA DE JARDINAGEM E MANUTENÇÃO. NÃO HÁ VAGAS DE EMPREGO, lê-se no letreiro da urbanização junto ao restaurante. Há em toda a parte cartazes com letras vermelhas e pretas, ARRENDA-SE, VENDE-SE, DISPONÍVEL, ARRENDA-SE COM OPÇÃO DE COMPRA, EM VENDA, OPORTUNIDADE, DESCONTOS DE QUARENTA POR CENTO, seguidas de números de telefone. Na rádio discute-se diariamente o rebentar da bolha imobiliária, o descontrolo da dívida pública, o crédito malparado, a quebra da poupança e a necessidade de reduzir as despesas sociais e de levar a cabo uma reforma da lei laboral. É a crise. A taxa de desemprego espanhol ultrapassa os vinte por cento e prevê-se que suba no próximo ano para os vinte e três ou vinte e quatro. Muitos imigrantes sobrevivem graças ao subsídio de desemprego, como Ahmed supõe que começará a fazer dentro de dias, já que lhe disseram na repartição do Instituto do Emprego, depois de preencher uns quantos formulários e de aguardar em diversas filas de espera, que o primeiro cheque deverá tardar algum tempo a chegar. Aqui há cinco ou seis anos, toda a gente tinha trabalho. A região inteira estava em obras. Dava a impressão de que não restaria um único centímetro de terra sem betão. Hoje a paisagem tem qualquer coisa de campo de batalha abandonado, ou de território sujeito a um armistício: terrenos infestados de

ervas daninhas e laranjais convertidos em baldios; pomares negligenciados, muitos dos quais já secos; vedações que delimitam espaços vazios. Quando Ahmed chegou a Espanha, quase todos os ajudantes de pedreiro da região eram conterrâneos seus, e ele próprio arranjou os seus primeiros empregos na construção civil; depois começaram a aparecer os equatorianos, os peruanos, os bolivianos e os colombianos. Ultimamente nem uns, nem outros. Os marroquinos partem para a França, para a Alemanha, e os latino-americanos regressam aos seus países de origem, muito embora se tivessem entretanto convertido nos trabalhadores mais apreciados. Os patrões confiavam neles por questões de língua, de religião, de carácter e, sobretudo, porque desde os atentados de Madrid de 2004 passou a ser olhado com desconfiança qualquer um que venha de Marrocos (a maioria dos alegados bombistas eram marroquinos) ou que tenha qualquer ligação com o Islão e o islamismo. Ahmed acha que os próprios marroquinos contribuem para agudizar essa desconfiança e para dificultar as coisas. Os seus amigos trolhas, que anos antes costumavam beber, fumar e partilhar um ou outro charro com os colegas espanhóis, passaram a declarar-se muçulmanos praticantes, rejeitam, ofendidos, a litrosa que circula à hora do almoço e deixaram de ir ao café após a jornada de trabalho. Não comparecem à ceia anual da empresa, ou então exigem um menu *halal*. Alguns reivindicam a mudança do horário laboral durante o ramadão. *Hamak e Jamak*. Burros e malucos, na opinião de Ahmed. Mouros e cristãos só entram em contacto para ver quem trama quem. Aos domingos à tarde, quando Olba se despoeva porque os habitantes estão na praia ou em almoços de família, os marroquinos vagueiam solitariamente pelas ruas, ou sentam-se nos *rails* da estrada para Misent ou na berma dos passeios. Ahmed censura os conterrâneos que

durante o ramadão pedem aos capatazes que suspendam a pausa para o almoço e sugerem, em contrapartida, a redução do horário de trabalho. Os cabrões dos mouros são doidos, disse-lhe um dos encarregados quando trabalhava numa carpintaria e foi entregar um jogo de portas à obra de Pedrós. Não vou à missa, não ligo peva aos padres, e o raio dos mouros querem que faça jejum no ramadão? Que hei de dizer aos motoristas do camião grua, da retroescavadora, da betoneira? Que só comam em casa ao fim do dia? Que não alcemem nem bebam uma pinga de água enquanto labutam ao sol, a trinta e muitos graus e com uma humidade de setenta por cento? Ahmed discute com os conterrâneos: como se os *nasrani* não estivessem já de pé atrás connosco, tendes mesmo de lhes dar mais um pretexto para nos mandarem à merda?, atirou ele a Abdeljaq, que tinha convencido os companheiros de casa a não beberem cerveja com os espanhóis. Afastai-vos dos impuros, dizia ele. Quando se excitava, Abdeljaq garantia que estava para breve o dia em que veriam a cor do sangue dos porcos nazarenos. Precisam de nós, argumentava, e enquanto precisarem, vão ter de nos aguentar, e quando deixarem de precisar, dão-nos um chuto no cu, por muito que a gente reze esses pai-nossos que eles rezam e faça o sinal da cruz com o polegar a saltar da testa para o peito.

Abdeljaq festejou as bombas de Atocha. Disse que, nesse dia, o rosto de Alá se via com mais nitidez no céu. Fez as suas abluções, orou voltado para Meca e cozinhou um *mechui* de cordeiro, que comeu envergando uma *gandora* branca. Tudo muito cerimonioso: celebrava o martírio e a vingança. Olhai, dizia, apontando para o ecrã da televisão enquanto chupava o cigarro de haxixe, aí o tendes, o sangue dos infieis. *Bismillah*. Na televisão, ferros retorcidos, gente caminhando de mãos ensanguentadas a cobrir o rosto. Ahmed criti-

cava Abdeljaq quando se encontrava a sós com Rachid: estás a ver? Os nazarenos já não precisam de nós e por isso somos os primeiros que eles despedem, por sermos os mais difíceis. Preferem ficar com os colombianos, com os equatorianos. Abdeljaq é um blasfemo. Como pode alguém dizer que vê o rosto de Alá? Para um muçulmano, não há maior blasfémia. Mas os olhos dele brilham como se estivesse mesmo a ver Alá. Põe uma expressão feroz e satisfeita e fala como um fanático, um profeta da vingança: hoje os nazarenos espezinham-nos, põe-nos a limpar retretes, a servir-lhes aqueles vinhos asquerosos nos restaurantes, a construir-lhes as casas onde comem *jaluf* e fodem sem fazer as abluções e sem lavar o sémen do prepúcio, as nossas mulheres fazem-lhes as camas, alisam-lhes os lençóis impuros, mas já não tarda o dia em que seremos nós a levá-los a eles pela trela, de gatas. Hão de ladrar às nossas portas como aquilo que são: cães, e com a língua hão de puxar o lustro às nossas *belgha*. Aos nossos irmãos muçulmanos da América levaram-nos em navios, amarrados com cordas, presos com correntes, metidos em jaulas, assim como levavam os cavalos, as cabras, as galinhas e os porcos. Os negros muçulmanos não passavam de bestas de carga para os ianques cristãos. Mas está a chegar o dia de lhes mostrarmos que somos homens e que sabemos lutar por aquilo que é nosso. Ahmed contrapõe: E não há muçulmanos ricos? Aqueles xeques do Golfo, por exemplo. E por acaso esses muçulmanos ricos não são ainda piores do que os cristãos ricos? Além disso, os caçadores de escravos africanos eram, na sua maioria, árabes. Muçulmanos que escravizavam muçulmanos. Abdeljaq nega, abanando a cabeça com indignação: mentiras dos infieis. Mas Ahmed tinha visto tudo isso em documentários da televisão e sabe que é verdade. Os povos de toda a África temiam os árabes mercadores de carne humana, e

temiam-nos também na Índia, na Indonésia, nas costas do sul da China. Esses homens pouco se ralavam com a religião dos escravos que capturavam, cristãos, muçulmanos, animistas, hindus, budistas. Toda a carne servia para encher as jaulas dos porcos. Então e o que me dizes dos *jedives* turcos? Eram torturadores mais cruéis do que os cristãos. Então e os nossos reis? Ou será que não estamos aqui porque o defunto Hassan, o seu filho Mohamed e restante família nos expulsaram de nossas casas? Se hoje servimos os cães cristãos é porque os nossos cães são ainda mais raivosos, ainda nos cravam mais fundo os dentes no corpo. Aqui tratam-nos como criados, lá tratavam-nos como escravos. Filhos da puta são os homens, o género humano, pouco importa o Deus em que creem ou dizem crer. Todos nascemos de um *tabún*. Tu acreditas que Alá bendiz esses ricos de Fez ou de Marraquexe que regressam de Meca a tocar pandeiros e a fazer soar as buzinas dos seus Mercedes importados para que todos saibam que são suficientemente poderosos para terem feito a peregrinação sagrada? Achas que cumprem melhor os preceitos do Corão por terem dado as sete voltas à Caaba, percorrido sete vezes o caminho entre as colinas de As-Safa e Al-Marwah e bebido do poço de Zamzam? Pois eu corro de cá para lá setenta vezes multiplicadas por sete, todos os dias, para ganhar o pão. E bebo a água salgada do poço do meu suor. Quanto a eles, nos seus hotéis de luxo de Meca, humilham-te e dizem-se melhores crentes do que tu, só porque podem ir aonde tu não podes. E só porque podem pagar a viagem a Meca — peregrinos de primeira classe, em Boeing —, estão convencidos de que entrarão no paraíso primeiro do que tu, que és um desgraçado. Será que no céu de Alá também há ricos e pobres, gente que vai de Mercedes e gente que limpa as retretes dos outros? Que merda de religião é essa? Será isto o Islão?